

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) EDUARDO CRUZ GALVÃO

AS FORÇAS DE DEFESA DE ISRAEL

Origens e Consolidação

Rio de Janeiro

2018

CC (FN) EDUARDO CRUZ GALVÃO

AS FORÇAS DE DEFESA DE ISRAEL

Origens e Consolidação

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM-1) Nagashima

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2018

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado à minha família, à Escola de Guerra Naval, ao povo brasileiro e ao povo judeu, este último que ao longo da história contribuiu de forma ampla e ímpar para o progresso da humanidade, sendo mais um exemplo histórico de que um povo com unidade de propósito, quando conduzido por uma liderança responsável, produz uma sinergia digna de ser considerada milagrosa.

Que nossas muitas reflexões nos ajudem a nos tornarmos pessoas melhores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha inspiradora esposa e a meus filhos por se alegrarem e me alegrarem durante esses meses de pesquisa.

Agradeço ao Comandante Nagashima, que não somente me presenteou com orientações precisas e sinceras, mas que principalmente uniu junto a mim esforços em busca do refinamento das ideias que delinearão este trabalho. Essa prestigiosa conduta me proporcionou um caminho plano e seguro para esta jornada.

Antes de tudo, porém, agradeço ao Criador por me fazer levantar todos os dias para viver.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FDI – Forças de Defesa de Israel

ONU – Organização das Nações Unidas

RESUMO

A pesquisa descreve o processo de transição vivido pelas Forças de Defesa de Israel, que tiveram suas origens em grupos armados irregulares judaicos destinados a autodefesa da comunidade judaica na Palestina. Em suas lutas em prol da defesa dos habitantes de suas colônias nesta região, empregaram amplamente formas irregulares de combate. Inicialmente possuíam capacidades precárias. Porém, com avanços progressivos ao longo dos anos, impulsionados por realidades que os desafiavam, lograram atingir a estrutura, organização e poder característicos de forças armadas convencionais. Em busca de um entendimento sobre os elementos que viabilizaram esse processo, foi percebida uma compatibilidade com a Teoria do Desafio e Resposta, desenvolvida por Arnold Toynbee. Através de um método descritivo, foram identificados aspectos históricos presentes nos anais das Forças de Defesa de Israel. Por meio da identificação dos progressos militares e sociais, além de outras influências que fundamentaram este processo, foi possível compreender como ocorreu tal transição, além de sensibilizar a percepção do leitor para refletir sobre a formação da mentalidade militar das Forças de Defesa de Israel.

Palavras-chave: Forças de Defesa de Israel, forças irregulares e forças regulares.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	MODELO TEÓRICO	10
2.1	Definições próprias ao trabalho.....	11
2.1.1	Delimitação do entendimento de Guerra Irregular.....	12
2.1.2	Caracterização de Forças Irregulares.....	13
2.1.3	Caracterização de Forças Regulares.....	15
3	A CONSTRUÇÃO E A EVOLUÇÃO DA MENTALIDADE MILITAR JUDAICA	16
3.1	O contexto histórico.....	16
3.1.1	Do Século XIX à Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945).....	16
3.1.2	A Guerra de Independência de Israel e o pós-guerra.....	21
3.2	Os grupos militares judaicos.....	22
3.2.1	O Bar Giora.....	22
3.2.2	Hashomer	23
3.2.3	O Corpo de Mulas de Sion e a Legião Judaica.....	24
3.2.4	A Haganá - A Força de Defesa.....	25
3.2.4.1	O Palmach - Companhias de Choque da Haganá.....	26
3.2.4.2	Palavir- A Força Aérea Israelense.....	26
3.2.4.3	Palyam- A Marinha Israelense.....	27
3.2.5	Irgun Zvai Leumi - Organização Militar Nacional.....	29
3.2.6	O Lechi.....	29
3.2.7	A criação das Forças de Defesa de Israel.....	30
3.2.7.1	A consolidação das Forças de Defesa de Israel.....	31
4	PROGRESSOS E MODIFICAÇÕES	32
4.1	Desenvolvimentos antes da Segunda Guerra Mundial.....	32
4.2	Desenvolvimento do Palmach.....	33
4.3	Desenvolvimentos da Palyam e Palavir.....	34
4.4	Outros progressos no período da Guerra de Independência.....	36
5	CARACTERÍSTICAS DE FORÇAS REGULARES E IRREGULARES NAS FDI	32
5.1	Características de forças irregulares.....	32
5.2	Características de forças regulares.....	33

6	CONFRONTAÇÃO DAS FORÇAS DE DEFESA DE ISRAEL COM TOYNBEE	37
6.1	Respostas decorrentes de desafios oferecidos por árabes.....	37
6.2	Respostas decorrentes de desafios oferecidos pelos turcos.....	38
6.3	Respostas decorrentes de desafios oferecidos pelo Reino Unido.....	38
6.4	Modificações e progressos sem vínculo com desafios oferecidos.....	39
7	CONCLUSÃO	41
7.1	A Teoria do Desafio e Resposta.....	41
7.1.1	Relacionadas a uma visão de futuro.....	41
7.1.2	Relacionadas ao Reino Unido.....	41
7.1.3	Relacionadas às Guerras Mundiais.....	42
7.2	Emprego de forças irregulares como força regular.....	43
7.3	Considerações finais.....	45
	REFERÊNCIAS	46
	APÊNDICE	48

1 INTRODUÇÃO

O propósito desta pesquisa é estudar o processo de transição das Forças de Defesa de Israel (FDI) a partir de grupos voltados para autodefesa de assentamentos, e culminando em uma estrutura com razoável nível de unificação de comando e de um poder de combate elevado, de forma que seja possível identificar nessa estrutura algumas características de Força Armada regular. Em nossa proposta, tentaremos avaliar como ocorreu essa transição, associando esse processo à Teoria do Desafio e Resposta de Arnold Toynbee.

Daremos especial atenção à existência de características de forças irregulares que possam ser identificadas no planejamento e emprego das forças armadas judaicas por ocasião da Guerra de Independência de Israel e do pós-guerra, procurando alguma origem dessas atividades irregulares nos anos precedentes a essa guerra.

Estruturaremos o trabalho sob o método de um estudo descritivo. Com esse método, pretendemos verificar a ocorrência de fatos que se deram em conformidade ou não com a teoria supramencionada de Arnold Toynbee.

Iniciaremos com uma introdução, onde delimitaremos alguns conceitos que adotaremos no trabalho, como os conceitos para guerra irregular e força irregular. Num segundo capítulo, apresentaremos o modelo teórico de Toynbee, ampliando a noção e a relevância de suas ideias. No terceiro capítulo, descreveremos alguns relevantes momentos do contexto histórico do povo judeu nos séculos XIX e XX, procurando identificar alguns dos grupos organizados pelos colonos judeus na Palestina, particularmente a partir do século XX, tendo a preocupação de vincular suas histórias com a formação de uma mentalidade militar. No quarto capítulo apresentaremos alguns fatos, percepções e decisões que possam representar progressos e modificações decorrentes de desafios que os judeus na palestina se depararam, fazendo uma ponte com as suas apropriadas respostas, buscando assim possibilitar

uma futura correlação com a teoria proposta por Toynbee. No quinto capítulo, tentaremos por em evidência as características de forças regulares e irregulares que puderem ser observadas nas forças judaicas, considerando desde os grupos de autodefesa judaicos com suas diferentes lideranças, e culminando com a Força de Defesa de Israel no momento posterior à guerra de independência. Nesse momento, buscaremos identificar a influência que suas experiências irregulares exerceram na mentalidade militar e quiçá na formulação doutrinária das já consolidadas FDI. No sexto capítulo, confrontaremos os aspectos identificados nos capítulos precedentes com a Teoria do Desafio e Resposta de Toynbee, encerrando o Trabalho no sétimo capítulo, onde desenvolveremos uma conclusão que congregará os resultados pesquisados, e descerrará o fechamento do trabalho.

A relevância pretendida para este trabalho aponta para a tentativa de aprendizado a ser obtido em decorrência da compreensão sobre elementos presentes no processo de transição estudado. Procuraremos direcionar maior atenção àqueles elementos que sejam oriundos das características de forças irregulares e que possam ter contribuído para que as Forças de Defesa de Israel tenham alcançado na atualidade o reconhecimento positivo perante o Sistema Internacional a respeito de sua competência e eficiência.

2 MODELO TEÓRICO

Neste capítulo apresentaremos o modelo teórico que adotaremos no trabalho, restringindo sua complexidade apenas aos aspectos relevantes a nossa proposta de estudo, qual seja a teoria do Desafio e Resposta proposta por Toynbee. Ao final do capítulo, teremos desenvolvido nossa percepção à identificação desses aspectos relevantes, os desafios e as respostas, possibilitando o apropriado entendimento ao relacionarmos os diversos fatos pesquisados. Passaremos agora a essa apresentação.

Arnold Joseph Toynbee foi um historiador do Reino Unido que viveu de 1889 a 1975. Trabalhou no Departamento de Inteligência do Reino Unido em 1915 e, em 1919, foi nomeado professor da Universidade de Londres. Em 1925 tornou-se professor pesquisador de história internacional da Escola de Economia de Londres e Diretor de Estudos do Instituto Real de Assuntos Internacionais em Londres. O Início do desenvolvimento de suas teorias ocorreu em 1922.¹

Segundo Arnold Joseph Toynbee (1935), no processo de desenvolvimento humano, é possível distinguir os desafios que motivaram tais desenvolvimentos e as respostas que deles decorreram, ou seja, o desenvolvimento propriamente dito, sendo estes aspectos não somente visíveis, mas também decisivos para a continuidade da sobrevivência.

Toynbee (1935) lembrou que a vida humana sobre a superfície terrestre somente se tornou possível através da casual posição do Planeta Terra no Sistema Solar, de forma a criar uma estreita zona cujas combinações apropriadas das características atmosféricas como temperaturas e umidade, permitiram o surgimento da raça humana.

Em seu estudo, Toynbee (1935) se aprofundou na história de 21 sociedades. Percebeu que as gêneses de sociedades derivam de fatores internos e externos. Os fatores

¹ Dados pesquisados no site <<https://www.britannica.com/biography/Arnold-Joseph-Toynbee>> consultado em 16 abr. 2018.

internos, que normalmente são positivos e criativos, explicam os surgimentos das congregações sociais, enquanto os fatores externos, normalmente negativos e destrutivos, explicam suas sobrevivências².

Toynbee (1935) passa então a observar que, de uma forma geral, uma sociedade de humanos é confrontada no curso de sua vida com uma sucessão de problemas, e que a apresentação de cada problema é o desafio ao qual esta precisaria se submeter. .

Toynbee (1935) defende que assim como há uma quantidade de incerteza a um comandante quanto ao o resultado de um combate, quantidades de incertezas semelhantes impulsionam a reação de um ator sobre a adversidade quando esta é chegada.

Com esse enfoque, adotaremos a Teoria do Desafio e Resposta³, proposta por esse autor, intencionando associar esse conceito aos fatos históricos a serem estudados, procurando demonstrar que a transição das Forças de Defesa de Israel se deu a partir de pequenos grupos armados que atuavam de forma independente, vindo a se tornar Unidades Militares Regulares em decorrência dos desafios impostos pela expressão das hostilidades manifestadas sobre os Judeus que imigraram na Palestina a partir do final do século XIX, até os anos que se seguiram à Declaração de Independência de Israel.

2.1 Definições próprias ao trabalho

Passaremos agora a estabelecer alguns parâmetros para delimitar os conceitos de Guerra Irregular, Força Irregular e Força Regular que serão considerados neste trabalho, a fim de facilitar a compreensão das conclusões sobre os dados pesquisados.

² Toynbee faz questão de ressaltar em sua obra que esses fatores internos e externos considerados na teoria de Darwin são aspectos admitidos pela arqueologia ocidental quando esta considera os desenvolvimentos e desaparecimentos de sociedades.

³ Challenge-and-Response Theory,

2.1.1 Delimitação do entendimento de Guerra Irregular

A guerra irregular pode ser compreendida sob enfoques distintos. Há quem a considere como uma forma de condução da guerra, assim como seria a guerra submarina ou bombardeios aéreos, ou seja, sendo apenas uma parte de um conflito armado de maiores proporções. Já em outro entendimento, identificam-na como uma forma de guerra, ao salientarem que Estados realizam tal guerra deliberadamente à medida que desejam utilizar força bélica contra seus adversários, contudo sem fazerem uso do formato convencional nas relações internacionais, ou seja, aos moldes do que é conhecido como guerra convencional, quando há o emprego de soldados militares com seus armamentos característicos. Isso ocorre por não estarem dispostos a assumirem que estão promovendo uma guerra a seu oponente (HEYDTE, 1990).

Neste trabalho, utilizaremos o entendimento de que a guerra irregular é uma forma de condução da guerra. Buscaremos identificar que embora os vários grupos armados judaicos fossem criados com o propósito da autodefesa das comunidades judaicas, alguns destes faziam uso predominantemente de ações irregulares dentro que uma perspectiva mais ampla, reconhecendo que somente uma organização de força armada regular conferiria a capacidade de prover a autodefesa necessária frente a inimigos internos ou mesmo uma força armada estrangeira. Nesse sentido, concordando com uma das características das forças irregulares enunciada por Galula (1964), frequentemente poderemos perceber nesses grupos de autodefesa judaicos uma busca por se tornarem uma força armada de maior abrangência territorial e de maior poder bélico, alcançando progressos no caminho para se tornarem uma força armada regular.

2.1.2 Caracterização de Forças Irregulares

Ao buscarmos compreender como identificar uma força irregular, partiremos de um dos princípios que provê a consistência para a sua existência como um movimento de resistência, que é a questão dos efeitos psicológicos gerados nos grupos envolvidos. Como ressalta Galula (1964), a força irregular necessita de uma ideologia poderosa, que represente uma causa a ser buscada. Uma assertiva de Heydte (1990) complementa essa ideia, ao defender que um dos propósitos básicos das ações irregulares é produzir uma determinada reação psicológica no adversário, de modo a provocar a percepção de que as ideologias do grupo irregular são historicamente necessárias e inevitáveis. E esta reação psicológica suscitaria o enfraquecimento da vontade de lutar do inimigo, como o próprio Heydte sugere:

A história oferece um grande número de exemplos em que um dos lados ocupou todo o território inimigo, mas foi incapaz de quebrar-lhe a vontade: na maioria dos casos, tal fato confirmar-se-á, em última análise, contra o presumido vencedor, embora quase sempre em intervalo de gerações.

Em nenhuma outra forma de guerra esse elemento psicológico é tão nítido quanto na guerra irregular. As ações na guerra irregular só ganham significação com a relação psicológica que extraem do adversário (HEYDTE, 1990, p. 71).

Como brevemente comentado acima, Galula (1964) propõe que é característico de uma força irregular a busca por um crescimento no decorrer do conflito, a partir de uma pequena e fraca estrutura, para outra grande e forte, de forma que tal grupo falhará em sua empreitada caso assim não proceda.

Heydte (1990) reforça a ideia de que as forças irregulares são ilimitadas, já que considera que estas não estão limitadas pelas convenções que restringem as guerras convencionais no emprego da força e no uso dos armamentos. Suas forças atuam com ampla flexibilidade, realizando suas ações de acordo com a necessidade da ocasião, adotando a organização, o armamento e as técnicas de combate não padronizados e, por vezes, improvisados.

Ainda sob o ponto de vista de Heydte (1990), uma força irregular não procura a conquista de territórios. Quanto a esse aspecto iremos observar no caso dos grupos armados judaicos na Palestina que estes, como forças de autodefesa, possuíam como tarefa a manutenção da segurança nos territórios habitados por imigrantes judeus, bem como a manutenção da posse desses territórios. Já por ocasião da iminência de início da Guerra de Independência, também fica claro que ocorreu um avanço das forças judaicas para conquista e manutenção de regiões capitais que viriam a delimitar as fronteiras do Estado Judeu. Esse avanço se intensificou à medida que se aproximou o momento em que seria declarada a independência do Estado de Israel. Essa movimentação é uma característica do momento em que estava sendo promovida a transição a partir de grupos irregulares para uma força armada regular.

Embora seja possível identificar os sinais dessa transição, ainda assim não foram abandonadas as capacidades irregulares das forças judaicas, continuando a ocorrer as típicas ações irregulares. A manutenção dessas práticas concorda com o que descreve Heydte (1990) sobre quando o inimigo é paralisado e desorganizado por meio de atos de sabotagem contra seus transportes, instalações sensíveis, armamentos, comboios de suprimentos dentre outros alvos significativos, causando no adversário um abandono das áreas em que vem sofrendo desgaste, ao ter sufocada sua vontade de lutar.

Ampliando a percepção dos grupos judaicos como forças irregulares em transição para uma força convencional, será possível notar que ocorre um afastamento das características próprias de forças irregulares pontuadas por Heydte (1990), já que este enfatiza que forças irregulares precisam evitar as frentes de combate e os engajamentos de maior duração, bem como a inexistência de defesa territorial, em prol da preservação de sua mobilidade e de sua surpresa. As forças judaicas buscaram em sua preparação para a Independência a condição apropriada para suportar combates em frentes de combate contra

seus oponentes, deixando claro que, diferente de uma força irregular típica segundo a ótica de Heydte (1990), as forças judaicas possuíam território a ser defendido.

Com essas considerações, faremos uso destes ensinamentos para estabelecer nosso conceito de força irregular. Para este trabalho, forças irregulares são grupos armados que, fundamentados e fortalecidos por uma ideologia, atuam de forma ilimitada, fazendo uso de mobilidade, surpresa, flexibilidade de técnicas e armamentos, bem como de improvisos, na busca por provocar uma reação psicológica no oponente, sufocando sua vontade de lutar e provocando o abandono das áreas ocupadas nas quais vem sofrendo o desgaste.

Não adotaremos os aspectos relativos a fixação ou não do grupo irregular em determinado território. Para efeito desse trabalho, essa característica não terá influência.

2.1.3 Caracterização de Forças Regulares

Partindo dos conceitos estabelecidos acima, principalmente dos aspectos pontuados por Heydte (1990), estabeleceremos como Forças Regulares aquelas que possuem uma estrutura organizacional composta por grandes unidades, com cadeia de comando unificada e hierarquizada, que buscam as frentes de combate para engajar o inimigo, buscando conquistar territórios e defendê-los, fazendo uso de armamentos e equipamentos tipicamente militares pelo seu grande poder de destruição e de uso relativamente padronizado.

3 A CONTRUÇÃO E A EVOLUÇÃO DA MENTALIDADE MILITAR JUDAICA

Neste capítulo pesquisaremos o contexto histórico relacionado à criação do Estado de Israel, pois é onde encontraremos a indissociável presença das forças militares judaicas que moldaram tal período. Em capítulos seguintes buscaremos identificar a transição a partir dessas forças militares judaicas para, ao final do capítulo, encontrarmos as Forças de Defesa de Israel já sob uma estrutura de força regular, mesmo que prematura, nos permitindo extrair as lições pertinentes ao nosso estudo. Todavia, o propósito deste capítulo é tão somente refinar nosso conhecimento a respeito do contexto histórico que influenciou a construção de uma mentalidade militar judaica no processo de formação de suas forças armadas.

Embora nossa atenção esteja voltada para os anos que rodeiam a Declaração de Independência de Israel em 14 de maio de 1948, quando já é possível observar indícios da atuação das Forças Judaicas com características de forças regulares, não podemos abrir mão de voltarmos, mesmo que brevemente, ao final do século XIX, já que neste período ocorreu o aquecimento dos sentimentos nacionalistas em várias comunidades judaicas, particularmente em Estados do leste da Europa e na Rússia. Estes sentimentos nacionalistas contribuíram para estimular o crescimento da imigração judaica para as terras da Palestina nas décadas seguintes.

3.1 O contexto histórico

3.1.1 O avivamento do nacionalismo judaico

No final do século XIX havia grupos de origem judaica em vários Estados da Europa, do norte da África, do sudoeste da Ásia, bem como nos do Continente Americano, principalmente nos Estados da América do Norte. (NAVEH, 2018).

No século XIX e até o fim da Primeira Guerra Mundial (1914 a 1918) a Palestina era parte do Império Otomano.

O Iluminismo⁴ europeu a partir do século XVII e a difusão de suas filosofias nos séculos seguintes favoreceu o aumento dos sentimentos nacionalistas naquele continente.

As ideias iluministas inspiraram também muitos eruditos e líderes judeus da Rússia e da Europa, permitindo que em meados do século XIX ocorresse o florescimento de ideias nacionalistas judaicas, que saudavam o antigo amor pela terra de seus antepassados, a Palestina. Essas novas ideias nacionalistas amadureceram-se e expandiram-se, tomando forma de movimentos migratórios judaicos organizados, frequentemente financiados por instituições judaicas ou por judeus bem sucedidos (SACHAR, 1989).

De acordo com Sachar (1989), o poder desses recém-acesos ideais foi potencializado na Rússia onde iniciou em 1881 uma campanha de hostilidades a estrangeiros, por ocasião da ascensão de Alexandre III como novo Czar⁵ do Império Russo. Essas campanhas eram denominadas pogroms⁶, e contribuíram para que um grande número de famílias judias decidisse pela fuga de seus locais de residência em direção a outros potencialmente mais seguros, incluindo a Palestina.

Herzl (2017) defendeu essa necessidade de criação de um Estado judeu. Para a concretização deste, seria suficiente aos judeus que lhes fosse concedida a soberania sobre uma região adequada a suas necessidades e ambições. Em suas reflexões, a região da Palestina não seria uma meta inflexível, chegando inclusive a mencionar uma possível região na Argentina. Por fim, de acordo com Sachar (1989), Herzl passou a defender unicamente a

⁴ O Iluminismo foi um movimento cultural surgido na Europa no século XVII, sendo fortemente apoiado pela burguesia, e fundamentada em ideais de liberdade política e econômica, em defesa dos direitos naturais como a vida, a liberdade e a posse de bens. Consulta realizada no site <<https://www.mundovestibular.com.br/articles/6144/1/Iluminismo/Paacutegina1.html>> em 05 mai.2018.

⁵ Czar foi o título conferido ao Chefe de Estado Russo até o ano de 1917, ano a partir do qual foi instaurado o comunismo após a revolução Russa de 1917.

⁶ *Pogrom* é uma palavra russa que significa "causar estragos, destruir violentamente". O termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra os judeus, tanto no império russo como em outros Estados. Definição encontrada na página eletrônica da Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005183>>. Acesso em 04 abr. 2018.

criação deste Estado na região na Palestina, em atendimento aos anseios dos representantes da maioria das comunidades judaicas.

Naveh (2018) explica que Sionismo é uma expressão que representa a aspiração pela criação de um Estado Judeu, fazendo alusão ao Monte Sion, localizado na região da cidade de Jerusalém. A esse respeito, o movimento social judaico que buscava a materialização dessas aspirações é conhecido como movimento sionista.

O entendimento sobre o surgimento do movimento sionista e seu significado contribuirá para compreendermos como ocorreu o amadurecimento da ideia de um firme estabelecimento de indivíduos de origem judaica em uma região soberana, na qual fosse possível um desenvolvimento socioeconômico e, por conseguinte, o estabelecimento de uma autodefesa própria através de uma força armada com poder de combate necessário para garantir tal desenvolvimento.

Naveh (2018) ensina que a imigração não era um fato novo na região da Palestina. Já haviam ocorrido outros movimentos de estabelecimento judaicos na Palestina. Contudo, estes não possuíam uma visão sionista. Davam-se como iniciativas de pequeno vulto, normalmente movimentos de cunho religiosos, que se fixavam basicamente nos locais sagrados judaicos como Safed, Hebrom e Jerusalém.

Porém, segundo Sachar (1989), a partir do final do século XIX, a imigração judaica passou a ser mais expressiva. No início do século XIX, os judeus na Palestina somavam entre cinco e seis mil pessoas. Em 1856, a população judaica na Palestina era em torno de dezessete mil pessoas. Por volta do ano de 1882, se estendendo até o ano de 1903 imigraram para a região aproximadamente 25 mil judeus. Este movimento ficou conhecido como a primeira onda de imigração. A partir de 1904 iniciou uma segunda onda de imigração. No Início da Primeira Guerra mundial já havia em torno de 85 mil judeus na Região.

Com a criação da Organização Sionista Mundial (OSM) em 1897 foi desenvolvido um sistema de treinamento de agricultura, cuja principal vocação era preparar novos grupos de imigrantes judeus para prosperarem na Palestina.

Segundo Naveh (2018), essa segunda onda de imigração, diferente dos primeiros movimentos migratórios conseguiu algum sucesso. Eram buscadas áreas rurais para desenvolverem assentamentos agrícolas e semi agrícolas, alguns dos quais futuramente se tornariam grandes cidades, como foi o caso de Tel Aviv. A comunidade judaica formada era chamada de Yishuv⁷.

Susser (2018) explica que com o fim da Primeira Guerra Mundial ocorreu o desmembramento do Império Otomano. Parte dos Territórios antes pertencentes a este Império passaram a ser administrados pela França e pelo Reino Unido, que passaram a exercer suas autoridades no Oriente Médio.

Sobre essas novas influências no Oriente Médio, Naveh (2018) detalha que a Liga das Nações concederam ao Reino Unido a Autoridade Mandatária sobre área que possuía o limite oriental no território da Pérsia, passando pelas regiões da Mesopotâmia, se estendendo por todo o território até o Mar Mediterrâneo, incluindo a Palestina. Com essa influência, o Reino Unido garantia o estabelecimento do contato se estendesse até a região compreendida pela Índia. Havia grande interesse econômico nesta região, que viabilizaria assegurar o escoamento de petróleo para o Mar Mediterrâneo.

Susser (2018) comenta que a partir de 1920 iniciou uma forte oposição dos árabes palestinos contra a imigração judaica através da realização de motins, tornando-se mais sérios em 1921, chegando a seu auge em 1929.

⁷ Yishuv (יִשׁוּב) é uma palavra hebraica que significa “acampamento” ou “assentamento”, e é utilizada para fazer referência à comunidade judaica na Palestina no período anterior ao estabelecimento de Israel como Estado. Definição segundo o Dicionário Morfix.

Em 1929, a Organização Sionista Mundial cria a Agência Judaica⁸ sob as lideranças de Chaim Weizmann, tornando-se a organização política oficial de representação judaica, também responsável por considerável apoio financeiro ao longo dos anos que se seguiram (NAVEH, 2018).

Em 1936 ocorreu uma nova fase de agressivos protestos árabes palestinos contra a crescente imigração judaica. Nesta ocasião, o Reino Unido criou uma comissão, chamada de Comissão Peel, a fim de estudar os motivos que levaram a essa rebelião. Em 1937, a Comissão Peel propôs que as terras da Palestina fossem divididas com a criação de dois Estados: um Estado árabe e um Estado judeu. Esta foi a primeira vez em que foi considerada a partilha das terras da Palestina entre árabes e judeus.

Até o início da Segunda Guerra mundial (1939 a 1945) ocorreram cinco ondas de imigração, a maior parte delas ligadas a hostilidades. A quinta onda ocorreu na década de 1930, quando as hostilidades contra os judeus ganharam elevados patamares na Europa oriental. Desta vez, porém, como algo incomum, um significativo número de judeus era proveniente da Europa ocidental, já sofrendo com o início da pregação nazista contra judeus (SACHAR, 1989). Segundo Naveh, esta quinta onda de imigração ocorreu até meados de 1945, com a derrota da Alemanha na guerra.

Após a Segunda Guerra Mundial e o fim do período de autoridade do Reino Unido sobre parte do Oriente Médio, que teve seu último dia em quatorze de maio de 1948, as áreas da Palestina foram finalmente divididas, como decisão da Assembleia Geral da ONU em 29 de novembro de 1947.

⁸ A Agência Judaica é uma instituição criada em agosto de 1929, fundada pela Organização Sionista Mundial como representante da Comunidade Judaica da Terra de Israel perante o governo mandatário do Reino Unido, de governos estrangeiros e de organizações internacionais. Pesquisa realizada no site <<http://embassies.gov.il/brasil/AboutIsrael/AmongtheNations/Pages/ENTRE-NACOES-Judeus.aspx>> realizada em 18 de junho de 2018.

As áreas partilhadas foram demarcadas pela Resolução 181 da Assembleia Geral das Nações Unidas. A Palestina deveria acomodar dois novos Estados independentes: um Estado árabe independente, um Estado judeu independente, e um Regime Internacional Especial sobre a cidade de Jerusalém (SUSSER, 2018).

A União Soviética, que viu neste novo cenário as vantagens do afastamento da influência do Reino Unido no oriente Médio, além de votar favorável à partilha, intermediou junto a Tchecoslováquia para um expressivo fornecimento de material bélico às forças judaicas na palestina, o que seria decisivo para prover o poder de combate necessário para a resistência judaica às forças armadas dos Estados pertencentes à Liga Árabe⁹ (SUSSER, 2018).

Na mesma noite, do dia quatorze para o dia quinze de maio de 1948, as fronteiras do recém-criado Estado de Israel foram invadidas pelos Estados árabes vizinhos: Egito, Jordânia, Síria, Líbano e Iraque (HERZOG, 1985). Assim iniciou a Guerra de Independência de Israel.

3.1.2 A Guerra de Independência de Israel e o pós-guerra

Susser (2018) observa que em novembro de 1947, ao ser aprovada a partilha da palestina pela ONU, iniciou-se uma guerra civil entre árabes palestinos e judeus palestinos. Entretanto, é possível distinguir duas fases. A primeira iniciada na aprovação da partilha até quatorze de maio de 1948, e a segunda a partir de catorze de maio de 1948, com a declaração

⁹ A Liga dos Estados Árabes foi criada 22 de março de 1945 com sede no Cairo. Na época de sua criação era composta pelo Egito, Iraque, Síria, Líbano, Transjordânia (denominação relativa ao ano de 1945 referente ao atual Reino Hashemita da Jordânia) e Arábia Saudita. Dados disponíveis em: <<http://www.cambridge.org/us/academic/archive-editions/history/middle-east-history/arab-league-british-documentary-sources-19431963?format=WX&isbn=9781852076108#f2S5i55temABwAfV.97>>. Acesso em 27 jun. 2018.

de independência do Estado de Israel. O Conflito se estendeu até o ano seguinte, quando a ONU intermediou o armistício entre os Estados envolvidos a partir de fevereiro de 1949, com a vitória do Estado de Israel. Com o término da guerra, Israel consolidou suas fronteiras.

3.2 Os grupos militares judaicos

O processo de estabelecimento dos imigrantes na Palestina conheceu realidades distintas ao longo das primeiras décadas do século XX.

Os grupos militares judaicos desenvolveram-se com o foco na autodefesa. Sua constituição, tarefas e treinamento modificaram-se ao longo dos anos. Vários grupos pioneiros deixaram de existir. Outros novos grupos foram criados. Outros ainda surgiram de mudanças na abordagem de um primeiro grupo já atuante. De acordo com Susser (2018), os grupos de autodefesa judaica surgiram principalmente como consequência das revoltas árabes em protesto contra a imigração de judeus na Palestina. Porém, alguns grupos surgiram como uma oposição à presença do Reino Unido na Palestina. Buscaremos agora identificar alguns desses grupos e como as mudanças ocorreram.

3.2.1 O Bar Giora¹⁰.

No Final do século XIX foi reiniciado na Rússia um novo momento de perseguição a comunidades judaicas. Normalmente, movimentos como esses eram sofridos com passividade. Mas neste fim de século um grupo de judeus decidiu oferecer resistência aos opressores e se armaram. Allon (1970) relembra que os anos de 1903 e 1904 foram marcos da resistência de judeus aos pogroms na Rússia.

¹⁰ Bar Giora (רב גירוא) é uma expressão hebraica que faz menção à Shimon Bar Giora, o líder militar judeu que participou da guerra contra o Império Romano entre os anos 66 a 70 (ALLON, 1970).

Allon (1970) comenta que, nesta ocasião, ocorreu a segunda onda de imigração de judeus na Palestina, grande parte proveniente da Rússia, em fuga dessas hostilidades. Muitos desses imigrantes eram aqueles revolucionários judeus integrantes dos movimentos de resistência contra a opressão do Czar. Em sua chegada à palestina carregavam um vívido sentimento de autodefesa.

Porções de terras eram compradas dos árabes e povoadas. Devido a seus posicionamentos em regiões isoladas, viviam sob um constante perigo, vulneráveis às ameaças de bandidos, às hostilidades do regime da Turquia e à retaliações de árabes palestinos resistentes ao aumento da imigração (ALLON, 1970).

Nesse contexto, labutando por suas seguranças, organizaram em 1904 o primeiro grupo armado judeu na palestina, o Bar Giora. Naquele período havia na região aproximadamente cinquenta mil judeus. O grupo armado recebia recursos financeiros da Organização Sionista Mundial, viabilizando a compra de armamento (ALLON, 1970).

3.2.2 HaShomer¹¹

De acordo com Allon (1970), o Bar Giora se configurava como uma pequena sociedade clandestina. Sua abrangência era limitada e não possuía a capacidade de ampliar sua atuação em um território mais amplo. No caminho de uma reestruturação, foi criada a nova sociedade chama de Hashomer, que viria a receber a atribuição de atuar de forma mais ampla e ostensiva que o Bar Giora. Em sua atuação, Hashomer deveria enfatizar uma defesa dinâmica, impulsionando a busca pela criação de uma nova sociedade e de valores nacionais.

Segundo Allon (1970), o lema do HaShomer era: inculcar a responsabilidade pessoal, a vigilância e a prontidão ao sacrifício. Haveria a obrigação de conjugar o trabalho

¹¹ Hashomer (השומר) é uma expressão hebraica que significa “o Guarda”.

laboral duro ao treinamento militar, bem como aplicar o treinamento militar ao desenvolvimento dos padrões morais da sociedade. Por fim, deveria aplicar-se ao desenvolvimento de um relacionamento amigável e honrado para com os árabes.

Allon (1970) comenta que a liderança do Hashomer reconhecia a importância de aumentar o número de eruditos judeus na palestina. Sua visão, ultrapassando o aspecto militar, atuou no campo político, providenciando o levantamento de recursos financeiros que possibilitaram o envio de judeus para estudarem direito, medicina, engenharia e economia em Constantinopla, visando aumentar o número de intelectuais no seio da liderança judaica. Esse programa encontrava-se bem sucedido, mas sofreu interferência devido ao deflagrar da Primeira Guerra Mundial.

As ações desenvolvidas pela liderança do HaShomer sugerem que havia a visão de que o fortalecimento de suas defesas não nasceram unicamente por meio da aquisição de material bélico e dos adestramentos militares. A procura pelo desenvolvimento dos padrões morais e a perseguição da evolução educacional tornam possível perceber que o desenvolvimento cognitivo e a organização social foram considerados como os catalizadores indissociáveis da consolidação dos fundamentos da sociedade que estavam construindo.

3.2.3 O Corpo de Mulas de Sion e a Legião Judaica

O Início da Primeira Guerra Mundial criou no meio judaico a expectativa que o Império Otomano, conhecido como “o Homem doente da Europa” devido a seu contínuo enfraquecimento ao longo daquelas últimas décadas, viesse a ruir definitivamente, abrindo aos judeus a possibilidade de aproveitarem a ocasião para lutarem pela Palestina. A Aproximação dos judeus das forças do Reino Unido representava a oportunidade para os imigrantes judeus

na palestina desenvolverem suas forças de autodefesa com um treinamento militar especializado (ALLON, 1970).

Com o início da Primeira Guerra Mundial surgiu a oportunidade da criação de um Batalhão Judaico que viesse a lutar contra o Império Otomano numa possível frente de combate Palestina. Foi permitido que um pequeno grupo de 650 judeus operasse como apoio de serviço ao combate em Gallipoli, transportando mulas com ressuprimentos. Durante a preparação para a batalha, os componentes do grupo receberam treinamento militar, bem como os equipamentos para o combate. Este destacamento ficou conhecido como o Corpo de Mulas de Sion (ALLON, 1970).

Após o fracasso dessa operação em Gallipoli e com a Declaração Balfour¹² anunciando que o Reino Unido se posicionava favoravelmente ao estabelecimento do Lar Nacional Judaico na Palestina, os judeus remanescentes do corpo de Mulas de Sion se realistaram para o combate junto ao Exército do Reino Unido e formaram a Legião Judaica, que lutou contra o Exército Turco na Palestina, ao lado de Forças egípcias (ALLON, 1970). Este episódio permitiu grande aperfeiçoamento dos conhecimentos militares.

Com o início da administração do Reino Unido nos termos do mandato sobre a Palestina, HaShomer foi forçado a se desmobilizar.

3.2.4 A Haganá¹³ - A Força de Defesa

No lugar antes ocupado pelo Hashomer, o partido trabalhador judaico fundou a Haganá. Vladimir Jabotinsky foi o fundador e seu primeiro comandante (ALLON, 1970).

¹² A Declaração Balfour foi um documento formalizado pelo Governo do Reino Unido em 31 de outubro de 1917, tendo como uns dos propósitos a busca pelo aumento da participação de judeus no esforço da Primeira Guerra Mundial, principalmente pelo alistamento militar. Dentre alguns benefícios em troca, os judeus receberiam apoio do Reino Unido para um aumento da imigração na Palestina (SACHAR, 1989).

¹³ Haganá (הגנה) significa “defesa” ou “proteção”.

Alguns anos após o fim da Primeira Guerra, as imigrações judaicas foram limitadas pelo Reino Unido. A Haganá teve papel ativo na organização e execução de volumosa imigração ilegal, bem como na compra e contrabando de armamentos para seu emprego. Nos anos 1930 a Haganá estava consolidada como instrumento de autodefesa judaica, tendo abandonado a postura estática e passiva, em direção a uma política ativa e com ampla iniciativa (ALLON, 1970).

3.2.4.1 O Palmach¹⁴ - Companhias de Choque da Haganá

Sachar (1989) explica que o Palmach, um grupo de elite militar judaico, foi criada pela Haganá em maio de 1941, tendo como propósito a defesa do Yishuv contra os exércitos do Eixo¹⁵ na Segunda Guerra Mundial, a fim de serem empregados no caso de uma invasão da Palestina.

Além das tarefas relativas às forças do Eixo, havia outras intenções para emprego dessa unidade especial: ela seria empregada na defesa da comunidade judaica contra as ações de grupos árabes organizados para realizarem ações bélicas contra as cidades e colônias judaicas no caso de uma retirada das Forças do Reino Unido da Palestina (ALLON, 1970).

3.2.4.2 Palavir¹⁶ - A Força Aérea Israelense

Em 1943 o Alto Comando da Haganá aprovou um plano para treinamento de pilotos em aeronaves leves. As forças do Reino Unido não obstruíram o desenvolvimento dos treinamentos. Eram abordadas técnicas de reconhecimento, fotografia aérea, navegação,

¹⁴ Palmach (פלמ"ח) significa "Companhia de Choque", e é a abreviatura de Plugot HaMachats (פלוגות המחקץ)

¹⁵ Como era chamada a coalizão formada por Alemanha, Itália e Japão

¹⁶ Palavir significa "Companhia do Ar", e é a abreviação de Plogat Avir (פלוגת ריואה).

matemática, física e utilização da aeronave em combate contra alvos em terra (ALLON, 1970).

Muitos componentes desta embrionária força aérea haviam adquirido experiência em combate na Força Aérea do Reino Unido (RAF) durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Allon (1970) havia em torno de dois mil judeus palestinos componentes da RAF durante a Guerra.

3.2.4.3 Palyam¹⁷ - A Marinha Israelense

Em dezembro de 1943, a Palyam foi fundada como o braço naval do Palmach. Voluntários judeus foram treinados em conhecimentos náuticos como preparação para organizarem e executarem a imigração judaica via marítima, evitando as interceptações do Reino Unido (MOMMSEN, 2011).

Os Estados vencedores da guerra inicialmente determinaram que os judeus deslocados voltassem para seus Estados de origem, mas muitos Estados fecharam suas fronteiras para este retorno (SACHAR, 1989).

A imigração à Palestina autorizada pelo Reino Unido não era suficientemente satisfatória em termos numéricos aos líderes do Yishuv (MOMMSEN, 2011).

As primeiras aquisições feitas pela Haganá foram viabilizadas pelo financiamento da Agência Judaica, que focava num propósito prioritário para os primeiros meses do pós Segunda Guerra: o resgate dos incontáveis deslocados de guerra judeus e pelos outros milhares de resgatados dos campos de prisioneiros (MOMMSEN, 2011).

¹⁷ Palyam (פל"מ) significa Companhia do Mar, e é a abreviação de Plogat Haiam (פלוגת הים).

Os navios adquiridos deveriam possuir capacidade de transporte de grande número de passageiros e ao mesmo tempo desenvolver a velocidade e manobrabilidade para se evadirem da perseguição dos navios do Reino Unido (MOMMSEN, 2011).

Em 1946 a Haganá adquire duas corvetas canadenses da classe Flower, de sessenta metros de comprimento e mil toneladas de deslocamento. Possuíam alta velocidade e grande manobrabilidade. Suas tripulações eram em torno de 110 tripulantes, porém cumpriram sua primeira missão com 1.250 e 2.600 pessoas respectivamente (MOMMSEN, 2011).

Em janeiro de 1947 a Haganá adquiriu um navio polar da guarda costeira estadunidense. Alcançando a velocidade máxima de doze nós, possuía 66 metros de comprimento e 2.150 toneladas de deslocamento. Com uma tripulação aproximada de 120 homens, cumpriu sua primeira missão com aproximadamente 2.600 pessoas a bordo (MOMMSEN, 2011).

O cenário apresentado no pós-guerra possui, como uma de suas características, um grande número de judeus e seus descendentes como deslocados de guerra. Estes deslocados foram, ao longo dos anos de guerra, os próprios alvos sobre quem foram conduzidos ataques. Considerando o fato de que os seus antigos Estados hospedeiros não estavam preparados para recebê-los, recusando-se a fazê-lo, entendemos que foi presenciado um ambiente de tensão pela liderança judaica mundial, ambiente este que pressionou a Agência Judaica e o Yishuv a intensificar os esforços para o desenvolvimento de um recurso marítimo adequado e eficaz que obtivesse sucesso na imigração ilegal.

3.2.5 Irgun Zvai Leumi – Organização Militar Nacional

De acordo com Sachar (1989), devido discordâncias dentro da Haganá, em 1931 alguns jovens homens e mulheres se desvincularam e criaram seu próprio grupo de autodefesa o Irgun Zvai Leumi (IZL), fundado por Vladimir Jabotinsky. Parte da discórdia ocorreu pela postura passiva adotada pela Haganá em relação à presença do Reino Unido, como recomendado pela Agência Judaica. Porém Jabotinsky adotava uma visão mais extrema, defendendo a realização constante de ataques que desgastariam o mandato. Nas palavras de Jabotinsky (1989, p.186), “todas as grandes nações nasceram no campo de batalha”.

3.2.6 O Lechi¹⁸

O Lechi surgiu de uma cisão do Irgun, e se organizaram sob o comando de Abraham Stern. Essa cisão ocorreu motivada por uma política da liderança sionista de redução das agressividades contra as forças do Mandato, política esta que estava recebendo aceitação por parte do Irgun. Os integrantes do Lechi possuíam uma visão ainda mais extremista que o próprio Irgun, e foram responsáveis por diversos atos de sabotagem contra as forças do Reino Unido na Palestina, primeiramente sobre a liderança de Stern, e após sua morte ainda no período da Segunda Guerra, por Menachem Begin, que no futuro se tornaria Primeiro Ministro de Israel no final da década de 1970 (SACHAR, 1989).

¹⁸ Lechi (חל"י) significa Combatentes pela Liberdade de Israel, e é a abreviatura de Lochamei Cherut Israel (חולמי רשות רשיאל)

3.2.7 A criação das Forças de Defesa de Israel

Com a independência em 14 de maio de 1948, David Ben-Gurion vislumbrou a possibilidade do surgimento de exércitos privados no seio do emergente Estado de Israel, o que teria o potencial de ameaças à estabilidade (HERZOG, 1985).

Os grupos extremistas Lechi e Irgun, que haviam atuado a revelia da autoridade da Haganá principalmente contra as forças mandatórias do Reino Unido, poderiam ser fortalecidas com a captação de novos membros provenientes da crescente imigração judaica (SACHAR, 1989).

Contra essa possibilidade, em 28 de maio de 1948 foi promulgada pelo Governo Provisório de Israel a Disposição nº 4, que criava naquele momento um exército nacional, passando a ser conhecido como Forças de Defesa de Israel, e proibindo o estabelecimento ou manutenção de qualquer outra força armada (HERZOG, 1985).

Segundo Mommsen (2011) em maio de 1948 as FDI eram formadas de aproximadamente 35.000 combatentes, oriundos de 37 nacionalidades diferentes.

Allon (1970) reforça a noção de que os judeus veteranos do Exército do Reino Unido e da Brigada Judaica foram de extremo valor nesta organização inicial, ao trazerem todo o treinamento formal e experiências adquiridas nos anos da guerra.

O ato da criação das FDI não se constituiu algo artificial, mas formalizou uma realidade que já se encontrava presente e de crescente emprego. Suas tropas estavam organizadas em grandes unidades e já possuíam Marinha e Força Aérea, embora embrionárias no momento da formalização. Suas capacidades aumentaram ao longo dos conflitos pela defesa de seus territórios, pelo contínuo treinamento e pela chegada de novos equipamentos e meios recém-adquiridos, como veremos em próximos capítulos.

3.2.7.1 A consolidação das Forças de Defesa de Israel

Após o armistício da Guerra de Independência, permaneceu a situação de instabilidade quanto à garantia da soberania do território do recém-criado Estado de Israel.

De acordo com Allon (1970) as FDI foram utilizadas como instrumentos de integração para os imigrantes recém-chegados, transmitindo a estes os costumes e valores desenvolvidos pelos primeiros colonos.

A apresentação destes grupos de autodefesa judaicos procurou pôr em evidência suas principais lideranças e algumas das características e motivos para suas criações, bases filosóficas e formas de atuação. Estes conhecimentos contribuem para compreendermos adequadamente que existiam no Yishuv propósitos comuns coexistindo com outros particulares de um grupo específico.

Alguns líderes citados atuaram em períodos afastados pelos anos e por vezes se sucederam. Outros líderes conviveram e interagiram ainda durante suas vidas. Todavia, é possível notar na organização destes grupos o sentimento semelhante de que o campo de batalha seria o caminho para a criação do Estado independente que almejavam.

Por outro lado, a análise dos fatos citados e os períodos em que líderes interagiram, permite verificar uma diversificação de princípios filosóficos incluindo a presença de objetivos divergentes.

Essa percepção contribuirá para identificarmos a ocorrência de mudanças de posturas particulares em direção à convergência de esforços à labuta unificada pelo bem comum, pois apesar de divergências, havia objetivos soberanos que justificariam a flexibilização de seus pontos de vistas particulares em prol dos ideais comuns da sociedade.

4 PROGRESSOS E MODIFICAÇÕES

Neste momento é preciso que identifiquemos as modificações e os progressos vividos primeiramente pelas forças de autodefesa judaicas e em seguida pelas Forças de Defesa de Israel. Esse passo nos abrirá caminho para uma futura verificação sobre a relação que possa existir entre estas modificações e progressos quando defrontados com algum possível fato gerador.

4.1 Desenvolvimentos antes da Segunda Guerra Mundial

Ao longo dos primeiros anos do século XX, os imigrantes judeus buscavam sua autodefesa. Com o início da Primeira Guerra, alguns líderes judeus vislumbraram a ocasião como uma favorável oportunidade de adquirirem treinamento militar e, possivelmente, obterem armamentos (SACHAR, 1989).

No pós Primeira Guerra Mundial os judeus aumentam compra e a introdução ilegal de armamentos empregados na guerra bem como permitiu a aquisição de armamentos. Paralelamente ocorreu o aumento da imigração de judeus na Palestina (ALLON, 1970).

Devido ao aumento da imigração, surgiu uma oposição árabe, que chegou a picos de agressividade em 1929 e em 1936. Nesta ocasião, o Reino Unido passou a adotar uma política antagônica ao sionismo, tornando tal posição ostensivamente declarada em 1939, no seu documento conhecido como Livro Branco de 1939 (ALLON, 1970).

Essa mudança de postura fez com que aumentasse a animosidade entre o Yishuv e as forças mandatárias.

Nesse contexto, a intensificação das revoltas árabes após a Primeira Guerra estimulou o fortalecimento das organizações de defesa do Yishuv. Os treinamentos militares

foram intensificados, bem como a compra ilegal e contrabando de armamentos oriundos da Europa. Foram construídas fábricas judaicas na Palestina para a produção de armas leves (SACHAR, 1989).

Em 1930 havia no Yishuv cerca de 1.500 fábricas e oficinas judaicas, produzindo produtos metálicos, produtos químicos, cimento, têxteis, dentre outros. Possuíam também alguns pequenos estaleiros, alguns dos quais tiveram participação relevante no esforço de defesa judaica após o período mandatário (SACHAR, 1989).

Nessa perspectiva, podemos considerar que o Yishuv desenvolveu o início de sua base industrial de defesa já nesse período pré Segunda Guerra. A Haganá continuou seu desenvolvimento, tanto em aumento de efetivo e em treinamento, quanto em aquisição de armamentos. Porém ainda era considerada pelo mandato como uma organização clandestina, estado que iria sofrer mudanças com as ameaças da Segunda Guerra Mundial sobre a Palestina.

4.2 Desenvolvimento do Palmach

O Palmach foi criado para a defesa do Yishuv contra o Eixo e para isso se preparou para a ofensiva terrestre durante a Segunda Guerra. Devido à ameaça de invasão do Oriente Médio pelas tropas nazistas ao longo da Segunda Guerra Mundial, surgiu o interesse do Reino Unido em contar com o apoio judaico na resistência armada. Nesse período houve a elaboração do Plano Carmel¹⁹. Muitos judeus tiveram a oportunidade de receberem treinamento militar junto ao Reino Unido. Esse contingente contribuiria para um momento

¹⁹ O Plano Carmel foi um plano desenvolvido para resistir às forças nazistas em uma possível invasão à Palestina. Nessa preparação, haveria a participação de um grande contingente das forças da Haganá, com uma atuação especial do Palmach, que recebeu treinamento especial do Reino Unido em ações de guerra irregulares e operações especiais. Na preparação do plano houve o desenvolvimento da mentalidade militar da Haganá em relação às concepções de emprego aos moldes de força regular. O que havia de especial nesse plano é que seus idealizadores do Alto Comando da Haganá o projetaram não somente para este propósito antinazista, mas também contra ataques de forças árabes que poderiam ser realizados contra os assentamentos e cidades judaicas (ALLON, 1970).

futuro, por ocasião da esperada independência da comunidade judaica na palestina contra as reações dos estados árabes (ALLON, 1970).

Diferente das forças da Haganá, que mantinham a organização e técnicas adquiridas durante os treinamentos com o Exército do Reino Unido, onde eram encontradas habilidades específicas em cada unidade, como infantaria, engenharia e artilharia, o Palmach buscava a flexibilidade e a ênfase à habilidade individual e coletiva, acumulando várias habilidades. O Batalhão Palmach era composto por quatro Companhias Palmach, e seus oficiais também eram preparados para empregarem suas tropas com a integridade tática estrutural de Batalhão, conferindo grande sofisticação à unidades habilitadas para ações de guerra irregular (ALLON, 1970).

4.3 Desenvolvimentos da Palyam e Palavir

Pouco antes do fim do mandato do Reino Unido, quatro navios da Palyam sofreram modernizações e militarizações em três pequenos estaleiros judaicos em Haifa (MOMMSEN, 2011).

Em 21 de maio de 1948, uma semana após a Declaração de Independência, foi prontificado o primeiro navio, o antigo Navio Quebra Gelo adquirido da Guarda Costeira dos EUA. O Navio foi armado com dois canhões de 20 mm e algumas metralhadoras, iniciando imediatamente a patrulha do litoral palestino. Dias depois, os outros três navios foram prontificados. Em alguns deles foram instalados canhões de artilharia de 65 mm fabricados no século XIX, adquiridos da Tchecoslováquia (MOMMSEN, 2011).

No final de maio de 1948 a Marinha de Israel era constituída por quatro navios de guerra, vinte embarcações miúdas armadas e um efetivo de dois mil homens e mulheres, dos quais quinhentos formavam a o grupo de forças especiais da Marinha, constituindo a unidade

de mergulhadores e as equipes de operações com embarcações explosivas (MOMMSEN, 2011).

Algumas embarcações eram destinadas aos integrantes do serviço de inteligência judaico, o Mossad. Suas embarcações eram equipadas com secretos equipamentos de comunicação construídos por um grupo palestino (ALLON, 1970).

Em quatro de junho de 1948, o navio israelense Eilat foi atacado e atingido por uma corveta egípcia. Sem maiores danos, retirou-se do alcance do armamento egípcio e solicitou apoio aéreo. Meia hora depois duas aeronaves da Força Aérea Israelense, ambas aviões esportivos militarizados, lançaram algumas bombas de baixa intensidade, que causaram alguns pequenos danos à força Naval Egípcia que se retirou (MOMMSEN, 2011).

Esse evento de apoio aéreo às forças navais mostra que a capacidade de coordenação e da qualidade das comunicações das unidades da Haganá havia tingido o nível de confiabilidade que os permitiriam buscar a iniciativa em suas ações. Já nesse período o Mossad utilizava equipamentos de comunicações desenvolvidos por grupos judaicos que os proporcionavam confiabilidade. Quando notamos a existência de uma base industrial e tecnológica onde poucos anos antes nem mesmo cidades existiam, e a partir deste arcabouço serem capazes até mesmo de militarizarem meios navais e aéreos, de desenvolverem comunicações seguras e destes fazer uso de forma coordenada, obtendo alguma eficiência e eficácia, podemos admitir que sua sofisticação era comparável à das forças armadas regulares oponentes.

Em setembro de 1948, a Marinha de Israel adquiriu um navio antissubmarino, descomissionado pela Marinha Estadunidense, da classe PC-461, de aproximadamente sessenta metros de comprimento e 450 toneladas de deslocamento. Possuía um canhão de 76 mm e sensor antissubmarino. Esse navio foi o primeiro navio da Marina de Israel equipado com radar (MOMMSEN, 2011).

Na ocasião da Guerra de Independência a Marinha de Israel ainda não possuía a estrutura e capacidades mínimas pretendidas pelo Primeiro-Ministro Ben-Gurion. Todavia foi suficientemente capaz de oferecer resistência à força naval egípcia, única força naval árabe capaz de interferir no Estado Judeu (LORCH, 2016).

Não podemos deixar de evidenciar os grandes desenvolvimentos proporcionados pela ocorrência das duas Guerras Mundiais. A Primeira Guerra permitiu o treinamento e aquisição de armas e equipamentos pelos veteranos judeus que dela participaram, muitos dos quais se consolidaram como as lideranças das defesas judaicas. A Segunda Guerra, além de contribuir para a especialização das unidades militares judaicas e de seus futuros integrantes veteranos de guerra, permitiu a expansão das indústrias judaicas e a formação de um forte sentimento de autodeterminação e espírito combativo, fruto dos massacres ocorridos aos judeus na Europa.

4.4 Outros progressos no período da Guerra de Independência

Neste tópico, consideraremos como progressos alguns outros indícios nos quais poderemos identificar que as forças armadas de Israel passaram a operar com características de forças regulares, confirmando seu novo status de Forças de Defesa de Israel.

Susser (2018) ressalta que ainda no período entre o dia de aprovação da partilha, em novembro de 1947, e a declaração de independência, iniciou uma forte movimentação pela conquista de territórios, principalmente buscando o controle das rodovias. Os líderes do Yishuv identificaram a necessidade de assegurar uma ligação sólida entre os territórios onde se localizavam as cidades povoadas predominantemente por judeus e as cidades e vilas judaicas que se encontravam isoladas, inseridas em meio a territórios de predominância árabe. Essa ligação era necessária para assegurar o abastecimento dessas cidades e vilas judaicas e

garantir a sua proteção. O Alto Comando da Haganá julgava tal tarefa como sendo um desafio de grande complexidade.

Para tornar a ligação bem sucedida, o Alto comando da Haganá decidiu mudar a atitude de atuação de suas forças de uma postura defensiva para uma ofensiva. Para a Haganá era determinante intensificar a disputa por terreno a qual já vinha acontecendo desde novembro de 1947. A implantação dessa nova postura ocorreu em abril de 1948, e ficou conhecido como “Plano D”, que buscava estabelecer o controle de todo o território que fazia parte do Estado Judeu, e isso significava inclusive o controle de cidades árabes, que seriam conquistadas por meio de ofensivas típicas de exércitos regulares. Os habitantes árabes dessas cidades receberiam um tratamento de acordo com a aceitação ou não da dominação judaica, sendo-lhes permitida a permanência em suas cidades no caso de aceitação, ou a o deslocamento para outras áreas, caso não se subjugassem ao controle judaico e houvesse resistência (SUSSER, 2018).

Essas mudanças de postura foram fundamentais para o estabelecimento da futura defensiva à invasão pós-declaração de independência. A liderança do Yishuv conhecia a possibilidade de receberem ataques oriundos de várias frentes, e precisavam afastar dos centros judaicos aqueles locais que viriam a ser escolhidos como os campos de batalha onde, pela primeira vez, estariam estabelecendo contato com as forças invasoras.

Essa nova postura ofensiva, estruturada aos moldes próprios de exércitos regulares, pode ser considerada como um ponto de inflexão, no qual as forças da Haganá, que até aquele momento foram empregadas como força defensiva, empregada em pequenas unidades dedicadas à defesa do Yishuv, passou a desenvolver sua própria doutrina de Força Armada Regular, partindo das experiências adquiridas nos seus vários níveis de liderança, seja da experiência oriunda da Primeira Guerra Mundial, adquirida pelos imigrantes mais antigos,

ou da experiência adquirida naqueles mais recentes anos, pela participação de muitos dos seus integrantes em unidades que combateram na Segunda Guerra Mundial.

Aproximadamente um mês antes da Declaração de Independência, houve um grande esforço em busca da padronização entre suas Unidades Operativas mais convencionais e inevitavelmente, sob o enfoque dessa nova forma de atuação, a busca da integração dessas Unidades convencionais com as unidades de elite da Haganá, o Palmach, e com o grupo subterrâneo judaico, o Irgun (HERZOG, 1985).

Porém, o simples desenvolvimento de uma organização militar eficaz não seria suficiente para deter as forças dos Estados componentes da Liga Árabe na invasão do território do recém-formado Estado de Israel.

Susser (2018) mais uma vez enfatiza que um percentual relevante do poder de combate das Forças Judaicas eram oriundos do aspecto psicológico, se referindo a uma consistente motivação proveniente do trauma vivido pelos judeus na Segunda Guerra Mundial. Parte considerável das Forças Judaicas chegou à Palestina em busca de refúgio contra as ações do holocausto patrocinado pelas forças germânicas e suas aliadas, num esforço de prender e matar judeus. Milhões de judeus foram mortos durante a Guerra não por estarem em combate, mas unicamente por serem judeus. Essas memórias teriam promovido o desenvolvimento de uma motivação determinante para o esforço de guerra, levando as várias Unidades Militares à união em torno de um objetivo comum, a luta pela sobrevivência, dispostos a entregarem suas vidas na luta pela vitória.

5 CARACTERÍSTICAS DE FORÇAS REGULARES E IRREGULARES NAS FDI

Dedicaremos este capítulo para buscar características operativas das Forças de Defesa de Israel que poderiam ter sido herdadas dos grupos judaicos de autodefesa que a precederam. Tentaremos identificar o surgimento de novas formas de atuação de suas forças que possam caracterizar uma transição entre o status de simples grupos de autodefesa para uma força armada regular, até finalmente verificarmos o fim dessa transição, onde será possível identificar a FDI.

5.1 Características de forças irregulares

Sachar (1989) menciona que ocorreu um período de cooperação entre a Haganá e as Forças Aliadas na Segunda Guerra Mundial, particularmente junto ao Reino Unido. A fim de dificultar uma invasão alemã ao Oriente Médio, oficiais superiores da Haganá foram convidados a colaborar com o Reino Unido realizando a identificação e registro de pontes e túneis, vulneráveis a ações de sabotagem, no Líbano, na Síria, na Turquia e no Irã.

Allon (1970) ressalta que as forças do Palmach receberam treinamento militar especial do Reino Unido para ações irregulares durante a preparação do Plano Carmel.

De acordo com Herzog (1985) a Haganá e Irgun atuaram juntos na defesa da cidade velha de Jerusalém, com um efetivo total de trezentos militares.

Com o aumento da pressão das forças do mandato contra a crescente imigração judaica pós Segunda Guerra, a própria Haganá intensificou suas ações de desgaste, no intuito de desencorajar uma continuidade do domínio do Reino Unido na Palestina. Algumas ações planejadas para o Palmach previam atacar o inimigo sempre que possível, perturbando suas comunicações, sabotando seus transportes e seus campos de pouso.

Segundo Sachar (1989), em novembro de 1945 a Haganá, o Irgun e o Lechi iniciaram operações de desgaste que duraram oito meses contra as forças do Mandato e Allon (1970) relembra quando o Palmach sabotou as ferrovias de utilização do Reino Unido em duzentos pontos, ao mesmo tempo em que os mergulhadores de combate da Palyam explodiam três embarcações de sua guarda costeira.

Mommsen (2011) comenta sobre os mergulhadores de combate da Palyam, quando estes destruíram navios do Reino Unido e resgataram imigrantes judeus detidos por estes em Chipre. De outubro de 1945 a julho de 1947 a Palyam juntou-se aos movimentos de resistência contra a presença do Reino Unido na Palestina, realizando um total de treze operações, como tarefas de resgate e ataques e sabotagens sobre suas unidades marítimas e terrestres.

Essas ações duraram até 29 de junho de 1946. Nesta data, iniciaram as reações do Reino Unido aos ataques contra suas forças. Este episódio de reação ficou conhecido como “Shabat Negro”. Segundo Golani (2018), as forças do Reino Unido efetivamente paralisaram as capacidades de organização da Haganá. Todavia, Sachar (1989) faz nota que o Irgun continuou a realizar ataques e, no mês seguinte, destruiu um dos escritórios do Reino Unido localizado no Hotel King David em Jerusalém .

5.2 Características de forças regulares

Com o caminhar para o fim da Segunda Guerra Mundial no ano de 1945, os grupos armados judaicos Haganá, Irgun e Lechi intensificaram suas preparações na expectativa de uma luta pela independência. A possibilidade de uma aprovação de uma partilha da Palestina entre árabes e judeus pela ONU aumentaram a expectativa de um ataque

árabe à população judaica. Com a aprovação da partilha os grupos militares judaicos tiveram a oportunidade de focarem em um objetivo comum, que era a vitória contra os árabes.

Segundo Herzog (1985), algumas das unidades da Haganá estavam configuradas da seguinte forma: A Brigada Palmach Negev, era formada por dois Batalhões e possuía um efetivo aproximado de oitocentos homens e armamentos individuais e morteiros leves. A Brigada Givati era composta de cinco batalhões, com um efetivo que ultrapassava três mil homens e era responsável pela defesa da região sul da região da Palestina, imediatamente ao norte do Deserto do Negev.

Em nove de junho de 1948, a Brigada Palmach Harel e a Brigada Palmach Yiftach realizaram um ataque coordenado valor batalhão sobre Latrun, dias antes do cessa fogo imposto pela ONU em onze de junho (HERZOG, 1985).

A Existência dessas grandes unidades militares deixa clara uma capacidade já existente de atuação como uma força armada regular. Vale considerar que a unidades do Palmach que estavam atuando nas ações acima mencionadas são unidades especiais da Haganá, habilitadas para atuarem com técnicas irregulares.

Em 29 de maio de 1948, a forças avançadas egípcias sofreram um ataque aéreo dos primeiros quatro aviões alemães Messerschmitt, empregado em combate na Segunda Guerra Mundial, provenientes da Tchecoslováquia, que foram incorporados no dia anterior (HERZOG, 1985).

Podemos entender sobre estes fatos que, embora a unidade de comando não estivesse estabelecida nos primeiros meses após a definição da partilha, a intensificação das hostilidades árabes contra a população civil judaica criou a necessidade de uma unidade de esforços. A Haganá possuía apoio financeiro da Agência Judaica, agora sob a liderança de David Ben-Gurion, e isso possibilitou a aquisição de significativa quantidade de material bélico para suas forças. O Irgun e o Lechi possuíam pessoal capacitado para o emprego de

técnicas irregulares. Porém, em suas ações de defesa contra as hostilidades, frequentemente recebiam apoio bélico da Haganá, apontando para a interoperabilidade de suas forças mesmo antes de possuírem formalmente um comando unificado.

Um marco para essa união ocorreu na ocasião em que Ben-Gurion criou as Forças de Defesa de Israel como Força oficial do recém-criado Estado de Israel. Relembra Herzog (1985) que houve resistência por parte do Irgun em acatar tal determinação. Nessa ocasião, Mommsen (2011) explica que o Irgun havia recebido proveniente da Europa, um navio com reforço de novecentos recrutas e muitas armas e munições. Ao receber determinação para que passasse tal ressuprimento às Forças de Defesa de Israel, ocorreu um confronto entre as unidades dessas duas forças. Em 28 de junho foi feito um juramento de fidelidade, e o Irgun deixou de existir como força isolada. Esta decisão da liderança do Irgun aponta para a consolidação de uma unidade de comando sob a liderança da Haganá.

Herzog (1985) relata que, durante o primeiro cessar fogo iniciado em junho de 1948, o exército israelense foi submetido a intensos treinamentos, e foi recebida uma grande quantidade de armamento proveniente da Europa, particularmente da Tchecoslováquia. Foram incorporadas unidades de artilharia, assim como unidades de veículos blindados e carros de combate, dando origem a 8ª Brigada Blindada.

Segundo Lorch (2016), o grupo que se formou o núcleo da artilharia foi criado ainda antes de possuírem o armamento, já contando com a experiência dos veteranos judeus combatentes na Segunda Guerra. Na ocasião, ainda ocorria a tentativa de aquisição no exterior Herzog (1985) menciona que, já durante a Guerra de Independência, artilharia de 65 mm Israelense realizou ataques às forças egípcias.

Herzog (1985) complementa ao mencionar que durante o segundo cessar-fogo, ocorrido por um período de dez dias no mês de julho, houve a aquisição de mais uma unidade de Messerschmitt da Tchecoslováquia e de três B-17 Flying Fortresses.

Após narrar o transcurso de apenas dois meses de combate, Herzog (1985) externa relevante comentário sobre a o processo de formação das FDI:

Gradualmente, a infantaria israelense estava começando a aprender como lutar com o apoio de blindados e artilharia. Um exército foi gradualmente sendo forjado a partir de uma força irregular, durante o intenso calor do combate (HERZOG, 1985, p. 87)²⁰.

Na frente de Jerusalém, a 8ª Brigada Blindada capturou um campo de pouso após atacar forças egípcias com dez carros de combate franceses H-35 e dois Cromwell do Reino Unido, estes últimos foram trazidos para território israelense através do deserto. Esta unidade atuava em coordenação com a 89ª Comando do Batalhão Mecanizado (HERZOG, 1985).

Nesses tópicos foram destacadas algumas ações militares nas quais são possíveis identificar características de forças regulares, como a existência de grandes unidades, fazendo uso de material bélico típicos de forças armadas regulares, como veículos blindados, artilharia, carro de combate e aviação, além da existência de um poder naval. Estas características, observadas nas Forças de Israel já no ano de 1948, se identificam com aquelas que delimitamos em capítulos anteriores como sendo típicas de Forças Armadas Regulares.

Verificamos que a Haganá, o Irgun e o Lechi possuíam líderes distintos. Mesmo com essa condição, suas forças conseguiram empregar seus esforços bélicos em uma mútua cooperação. É possível deduzir que essa interoperabilidade construída somente foi possível em uma realidade onde as diferenças filosóficas perderam suas forças, permitindo um reconhecimento por parte do Irgun e Lechi sobre a estrutura militar que a Haganá possuía, e a sua capacidade de liderar as ações da guerra e efetivar a vitória. Seus três líderes, possuidores de habilidades pessoais comprovadas pelos seus atos ao longo dos anos, possuíam ainda o atributo da responsabilidade pelo bem comum. No caso dos judeus na palestina, essa liderança responsável era o catalizador para a utilização dos recursos disponíveis para luta por suas sobrevivências.

²⁰ Gradually, the Israeli infantry were beginning to learn how to fight with armoured and artillery support. An army was gradually being forged out of a partisan force, in the very heat of battle.

6 CONFRONTAÇÃO DAS FORÇAS DE DEFESA DE ISRAEL COM TOYNBEE

Nesta fase da pesquisa realizaremos a análise dos desenvolvimentos e modificações vividas primeiramente pelas forças de autodefesa judaicas e posteriormente pelas Forças de Defesa de Israel de forma a verificarmos se de fato as modificações e progressos alcançados se constituíram respostas a algum desafio que lhes foram impostos, o que concordaria com a teoria de Toynbee.

Procuraremos distinguir de onde foram originados os desafios identificados, se dos Estados árabes vizinhos à Palestina ou se de algum outro ator.

6.1 Respostas decorrentes de desafios oferecidos por árabes

De acordo com Allon (1970), por ocasião da segunda onda de imigração judaica, chegaram à Palestina muitos judeus provenientes da Rússia que haviam participado de movimentos de resistência contra os pogroms de Alexandre III. Ao se depararem com a insegurança existente nos isolados assentamentos judaicos, que frequentemente sofriam ataques quer de árabes palestinos quer de turcos do Império Otomano, estes judeus organizaram milícias armadas de âmbito local, onde seus esforços eram voltados para a autodefesa desses assentamentos.

A criação desses grupos foi uma das primeiras respostas militares organizada pelos judeus às ameaças oferecidas pelos árabes em direção ao desenvolvimento de uma força de defesa. O aumento da imigração judaica nas décadas subsequentes e a continua ampliação de suas defesas apontaram para a ampliação de grupos como estes, preparando o caminho para a futura criação da Haganá e anos depois das FDI.

6.2 Respostas decorrentes de desafios oferecidos pelos turcos

As opressões impostas pelo Império Otomano, que permaneceu dominador da região da Palestina até a Primeira Guerra Mundial, frequentemente desmantelavam grupos de milícias judaicas, impedindo seus fortalecimentos e possível resistência à autoridade Turca.

A Turquia dissolveu as organizações paramilitares locais, tornando o Hashomer um movimento ilegal (ALLON, 1970)

Essa ameaça turca motivou um número significativo de judeus a constituírem uma força judaica no período da Primeira Guerra, que após receberem treinamento militar lutaram na Palestina numa frente de combate contra as forças do Império Otomano. Os veteranos dessas unidades militares judaicas futuramente seriam lideranças das futuras forças de defesa judaicas na palestina. Dentre esses veteranos estavam Vladimir Jabotinsky, Yitshak Ben-Zvi e David Ben-Gurion.

6.3 Respostas decorrentes de desafios oferecidos pelo Reino Unido

Pós Primeira Guerra Mundial, o Governo do Reino Unido tornou o Hashomer extinto com a argumentação de que a segurança local seria monopólio das forças mandatórias.

Nesse contexto, o espaço deixado do Hashomer foi ocupado pela Haganá, que desenvolvia suas capacidades militares de forma ilegal, pelo contrabando de armas e pelo treinamento de parte de seus integrantes.

Essa intervenção do Reino Unido na estrutura de defesa do Yishuv, extinguindo o Hashomer, impulsionou involuntariamente a concretização de uma demanda pretérita, que era a ampliação da abrangência da defesa judaica por uma maior cobertura territorial. Assim, mesmo a Haganá sendo criada também de forma não autorizada, esta conseguiu se

desenvolver gradualmente e com sucesso, aumentando suas reservas de armamentos e de efetivos.

6.4 Modificações e progressos sem vínculo com desafios oferecidos

A Segunda Guerra Mundial representou realidades antagônicas para os judeus: Enquanto na Europa ocorria um grande massacre, na Palestina os judeus prosperavam, pois havia uma estreita cooperação com o Reino Unido, de forma que o Yishuv se tornou um centro logístico aliado no Oriente Médio (GOLANI, 2018).

De acordo com Sachar (1989), a Agência Judaica mobilizou os recursos do Yishuv para propósitos agrícolas e industriais voltados para a guerra. A agricultura ampliou setenta por cento sua produção. As fabricas judaicas em funcionamento eram aproximadamente duas mil em 1939. Em um ano foram construídas mais quatrocentas fábricas voltadas para o esforço de guerra do Reino Unido, e em 1945 seu numero era três vezes maior que no início da guerra.

Até janeiro de 1948, a Palyam era empregada basicamente para transporte, particularmente de imigrantes oriundos da Europa, não possuindo qualquer cultura naval de combate, até que nesse mês. Seu comandante propôs para a formação de uma nova mentalidade naval. Em sua análise sumária, reconheceu que após a independência surgiria a necessidade de defender o recém-criado Estado também no mar, contra as marinhas de Estados vizinhos. Considerou que o Líbano e a Síria não possuíam Marinhas, e as Marinha dos Estados da Península Arábica não poderiam operar no Mediterrâneo. A ameaça então praticamente se reduziria à Marinha Egípcia (MOMMSEN, 2011).

Com essa perspectiva, a liderança da Haganá concluiu que, diferente de suas forças terrestres, não seria necessária a aquisição de armamentos pesados, sendo suficiente

adequarem as suas tarefas marítimas aos moldes de suas experiências em operações irregulares. Assim, em setembro de 1948, o Comandante da Palyam apresentou seu conceito para a Marinha de Israel baseado em cinco tarefas: realização de bloqueios, segurança das linhas de comunicação marítimas, operações limitadas de operações especiais e assalto anfíbio, transporte de tropas e, por último, instalação e defesa de bases navais (MOMMSEN, 2011).

Após o término da cooperação com o Reino Unido na Segunda Guerra, os esforços foram direcionados ao desenvolvimento da Haganá, provendo um suporte logístico inicial que, embora prematuro, contribuíram para suportar os esforços do combate, agregando valor às aquisições de material bélico adquiridos no exterior. Conhecendo a existência de uma base industrial e tecnológica no Yishuv, conseguimos compreender como foi possível a estaleiros judaicos posse da capacidade de modernizar velhos navios voltados para transporte das massas de imigrantes em navios capazes de combater, mesmo que de forma incipiente. Da mesma forma entendemos como foi possível transformar aeronaves esportivas em meios capazes de realizar bombardeios, mesmo que também de forma incipiente. Esses esforços iniciais foram reforçados com as aquisições bélicas principalmente da Tchecoslováquia, fato facilitado pelo apoio Russo à consolidação do Estado de Israel. Com essas aquisições, o aumento do poder de combate das unidades militares judaicas chegou a níveis suficientes para resistir à pressão árabe e assegurar a independência do Estado judaico.

Assim, julgamos pertinente afirmar que a teoria do Desafio e Resposta de Toynbee possui sentido no caso das Forças de Defesa de Israel, a medida foi possível identificar desafios e as respectivas respostas em direção à manutenção do seu desenvolvimento.

7 CONCLUSÃO

7.1 A Teoria do Desafio e Resposta

É possível identificar algumas ações onde as Forças de Defesa de Israel empreenderam novos desenvolvimentos como resposta aos desafios defrontados dos seus vizinhos árabes. No entanto, a pesquisa permitiu identificar desenvolvimentos das FDI que foram também pela presença das forças do Reino Unido na Palestina e pela significativa visão de progresso da liderança do Yishuv.

7.1.1 Relacionadas a uma visão de futuro

As principais respostas que foram unicamente motivadas pelos desafios oriundos dos árabes foi a criação dos primeiros grupos de autodefesa dos assentamentos. No período entre guerras, as revoltas árabes que os atingiram confirmaram a necessidade da existência desses grupos.

Entretanto, o crescimento e ampliação de sua atuação ocorreram oriundos da visão de uma futura criação de um Estado Judaico, e a decorrente necessidade de uma Força Armada capaz de efetivar suas defesas. Isso pode ser concluído quando verificamos a criação de uma base industrial sólida e avançada já no período entre guerras, a qual seria ampliada pela oportunidade de apoio ao Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial.

7.1.2 Relacionadas ao Reino Unido

As principais respostas à presença do Reino Unido ocorreram durante a Segunda Guerra Mundial, com uma oportuna cooperação das Forças Aliadas com a Haganá. Dentro da

Haganá foi criado o Palmach ainda durante a guerra, que atuou junto com as forças Aliadas na preparação da resistência contra as forças Germano-Italianas que ameaçavam, invadir a Palestina. Lembramos que, na verdade, o propósito de sua criação pela Haganá excedia ao de resistir a uma invasão do Eixo na Palestina: esperava-se de fato desenvolver uma tropa de elite que viesse a ser empregada numa futura emancipação do Estado Judeu. Essa intenção que foi confirmada com a preparação do Plano Carmel.

Junto com a criação do Palmach, veio a reboque a criação de seu braço marítimo, a Palyam, embrião da Marinha de Israel, e do seu braço aéreo, a Palavir, embrião da Força aérea de Israel. Os membros desses grupos aéreos e marítimo do Palmach possuíam entre seus integrantes vários que foram anteriormente marinheiros e pilotos da Marinha e da Força aérea do Reino Unido.

A Criação do Grupo Irgun Zvai Leumi em 1931 apresentou sua primeira motivação oriunda na necessidade de resistência às forças mandatárias e não a em função das lutas contra os árabes, quer palestinos quer estrangeiros. Após a Segunda Guerra, a liderança da Agência Judaica, da Haganá e do Irgun cessaram os movimentos de resistência contra as forças mandatárias. Porém essa trégua das forças judaicas não foi bem recebida por alguns membros do Irgun havendo uma cisão, e a criação do grupo terrorista Lechi, que continuaram a empreender ataques contra as Forças do Mandato. Assim, a Criação do Lechi também está relacionada à presença do Reino Unido na Palestina.

7.1.3 Relacionadas às Guerras Mundiais

É possível afirmar que os grandes impulsionadores dos desenvolvimentos dos grupos de autodefesa judaicos na Palestina foram os períodos da Primeira e Segunda Guerra Mundiais. A Primeira Guerra permitiu o treinamento de grande número de judeus imigrantes,

bem como de uma liderança capacitada para a condução do Yishuv em direção à autodefesa e ao desenvolvimento social.

A Segunda Guerra criou realidades antagônicas, que de alguma forma possuíram a capacidade de convergência de propósitos: enquanto na Europa os judeus eram perseguidos, expostos a sofrimentos traumáticos e assassinatos em massa, o que desenvolveu um ânimo de disposição ao auto sacrifício, com indivíduos determinados a lutar por suas sobrevivências, na Palestina os judeus experimentavam um progresso econômico e industrial providencial, permitindo que as unidades militares que iam sendo formadas encontrassem a estrutura organizacional capaz de absorvê-las e possibilitar o seu emprego, agregando a cada dia os novos integrantes cujo número aumentava a medida que a imigração era efetivada.

Esses períodos de guerra proporcionaram a singular possibilidade de incremento do treinamento militar das forças judaicas, juntamente com a oportunidade da aquisição de material bélico oriundos dos esforços de guerra, como contrabando em algumas ocasiões antes da Proclamação da Independência, e intermediado pela União Soviética junto a Tchecoslováquia, já como Estado de Israel independente.

7.2 Emprego de forças irregulares como força regula

No final da segunda Guerra, quando o Palmach se uniu ao Irgun e operaram de forma irregular contra as forças do Reino Unido num esforço para desencorajar a continuidade do mandato na Palestina.

Todavia, não se pode deixar de enfatizar a capacidade existente nas lideranças dos grupos judaicos de promoverem a união sinérgica dos recursos disponíveis para serem empregados na luta contra os árabes por ocasião da Guerra de Independência, demonstrando o decisivo atributo da responsabilidade pelo bem comum, sem o qual cada grupo poderia

permanecer fiel unicamente aos próprios propósitos, o que poderia ocasionar a derrota na guerra. Durante a Guerra de Independência, Haganá, Irgun e Lechi realizaram suas operações aos moldes de grandes Unidades Regulares contra as forças armadas dos Estados que invadiram suas fronteiras.

Essas mudanças acima apresentadas são apenas alguns indícios de que havia uma intenção de ampliar as capacidades da Haganá a um nível de sofisticação superior à realidade encontradas nos Estado de seu contexto geopolítico no Oriente Médio. As aquisições realizadas no período da guerra de independência de fato foram realizadas de forma emergencial visando o urgente emprego em combate já que haveria a necessidade de uma Força Armada com capacidade abrangente, com poder de combate suficiente para deter ataques inimigos, contado com pouca profundidade em sua defesa, visto que o Estado de Israel seria uma estreita faixa de terra, de prontidão suficiente para deter ataques sem contar com profundidade em sua área de defesa.

A contínua estruturação da Haganá conduzida por meio da visão de Ben-Gurion e o desenvolvimento industrial em poucos anos indicam um acentuado investimento no desenvolvimento nacional. Esses desenvolvimentos não se constituíram respostas a desafios, mas sim a materialização de uma visão de futuro.

É possível chegar à percepção de que a chegada judaica na Palestina trouxe por arrasto uma capacidade tecnológica e intelectual de alto nível. Essa qualificação intelectual associada a um financiamento da Agência Judaica foi oportunamente canalizada para o desenvolvimento de uma base industrial local fortemente voltada para atividades relacionadas à guerra.

Por ocasião da Guerra de Independência, foi possível identificar que as forças militares judaicas haviam adquirido a capacidade de combater como os Exércitos regulares, e assim poderem ser consideradas de fato como as Forças de Defesa de Israel.

7.3 Considerações finais

Finalmente, de acordo com o que foi pesquisado, consideramos que a formação das Forças de Defesa de Israel ocorreu em um processo de transição a partir de grupos irregulares de autodefesa, e se deu como resposta a desafios vivenciados pelos judeus na palestina, concordando com a Teoria do Desafio e Resposta de Arnold Toynbee.

No Entanto, não é possível afirmar que os desafios que viabilizaram essa transição foram àqueles oferecidos pelos Estados árabes vizinhos ao território de Israel. Vimos que esta influência dos desafios oferecidos pelos Estados árabes, bem como dos árabes habitantes da Palestina, de fato ocorreu.

Contudo, a pesquisa identificou que os desafios que influenciaram de forma mais relevante na transição dos grupos irregulares de autodefesa judaicos em direção à estruturação das Forças de Defesa de Israel foram os desafios vivenciados dos períodos da Primeira e da Segunda Guerra Mundial e a presença das Forças Armadas do Reino Unido durante o período mandatário na Palestina. Porém, a adequada resposta a estes desafios, bem como as realizações que ocorreram como decorrentes de uma visão de futuro, puderam ser concretizadas em virtude da existência das lideranças judaicas. Estas lideranças, embora atuassem segundo diferentes pontos de vista filosóficos, souberam conduzir o desenvolvimento industrial, tecnológico e militar do Yishuv quando se fez necessário, e souberam congregar seus esforços contra os inimigos comuns que surgiram ao longo do período no qual labutaram pela emancipação do Estado de Israel.

REFERÊNCIAS

- ALLON, Yigal. *Shield of David: The Story of Israel's Armed Forces*. Weidenfeld & Nicolson Ltd. in association with Vallentine, Mitchell & Co. Ltd, 1970, 272 p.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 255 p.
- GOLANI, Moti. Tel Aviv, Israel, 2018. Curso Coursera: The History of Modern Israel – Part I: From an Idea to a State. Entrevista concedida ao professor Eyal Naveh.
- HERZL, Theodor. *O Estado Judeu*. Edição do Kindle, 2017. Paginação irregular.
- HERZOG, Chaim. *The Arab-Israeli Wars: war and peace in the Middle East from the War of Independence to Lebanon*. 2nd ed. London. Arms and Armour Press, 1985. 403 p.
- HEYDTE, Friedrich August Freiherr von der, *A Guerra Irregular Moderna em políticas de defesa e como fenômeno militar; traduzido por Jaime Taddei*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990. 272 p.
- LORCH, Netanel. *The Edge of the Sword: Israel's War of Independence 1947-1949*. Plunkett Lake Press. Edição do Kindle, 2016. Paginação irregular.
- MOMMSEN, Klaus. *60 Years Israel Navy: Chel Ha'yam Ha'Yisraeli*. Norderstedt (Germany): Books on Demand GmbH, 2011. 364 p.
- NAVEH, Eyal; SUSSER, Asher. *The History of Modern Israel – Part I: From an Idea to a State*. Tel Aviv: Coursera - Tel Aviv University. 2018. Paginação irregular.
- SACHAR, Howard Morley. *História de Israel I: Da Ascensão do Sionismo ao Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: A. Koogan, 1989. 424 p.
- TOYNBEE, Arnold J. *A Study of History*. 2nd ed. London: Oxford University Press, 1935. Vol I. 484 p.

APÊNDICE A – Convenção para transliteração

Este apêndice tem o propósito de fornecer uma convenção para a correta leitura de alguns nomes de origem no idioma Hebraico.

O Hebraico é uma língua de origem semita. Atualmente é a língua oficial do Estado de Israel. O idioma era utilizado pelos judeus até meados do século II, aproximadamente, a partir de quando seu uso foi reduzido.

A partir de 1890 e o aumento da imigração na Palestina, a língua foi reavivada, ocasião quando foi criada uma instituição para normatizar e padronizar o que passou a ser chamado de Hebraico Moderno, inclusive a respeito da incorporação de novos vocábulos.

Dada à diferença de pronúncia dos nomes que fazem parte deste trabalho de pesquisa, é necessário convencionar o uso de letras de nosso alfabeto a fim de representar os sons que se assemelham àqueles que de fato possuem os nomes em hebraico. Isto posto, passaremos a adotar a seguinte convenção:

a) O som “CH” deve ser lido como o som de “RR” da palavra “caRRo”.

Exemplo: Palmach- [PalmaRR]; Lechi- [LeRRí]

b) O som de “HA”, como na palavra Haganá, deve ser lido como um leve som de “R”, como na palavra “Razão”.